

O CONCEITO DE RECIPROCIDADE NO PROJETO EDUCATIVO SALESIANO E NA FILOSOFIA DIALÓGICA DE MARTIN BUBER

Thiago Nunes Barros¹

A educação é um processo que compreende toda a vida dos seres humanos. Vai desde o nascimento até a morte. Nela todos aprendem o que se tem que ser (pessoa), o que se tem que fazer (cidadão) e o que se tem que ter (competência). Seja no horizonte da formalidade ou no da informalidade, trata-se de desenvolver a identidade e a pertença. Como um complemento necessário, também, as competências para bem viver.

A Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, presidida por Jacques Delors, definiu quatro pilares para as bases da educação: aprender a ser, aprender a aprender, aprender a fazer e aprender a conviver. Com respeito a esse último diz ele:

trata-se de aprender a viver juntos conhecendo melhor os demais, sua história, suas tradições e sua espiritualidade, e a partir daí, criar um espírito novo, que impulse a realização de projetos comuns ou soluções inteligentes e pacíficas para os inevitáveis conflitos, graças justamente a esta compreensão de que as relações de interdependência são cada vez maiores, e a uma análise compartilhada das contingências e ameaças do futuro. Uma utopia, pensam, mas uma utopia necessária, uma utopia essencial para sair do perigoso ciclo alimentado pelo cinismo ou pela resignação (DELORS, 1999, p. 22).

Tal constatação permite remeter a um problema de mentalidade. Ou seja, de orientação valorativa, normativa e comportamental que privilegia a convivência social e seu contexto: o *ethos democrático*. E que, além disso, o ensine por diferentes meios. Isto tem que convertê-lo em uma oferta sobre a maneira de viver para os associados, a partir da família, passando pela rua e pela escola, moderando essas influências institucionais com os meios de comunicação. Delors propõe um grande desafio para os adultos significativos, principalmente os pais e para quem tem como encargo social a formação (professores e religiosos), naquilo que tem a ver com a geração de uma índole de reciprocidade, democrática e respeitosa, do público.

A crise global do momento presente pode ser detectada de maneira precisa através das dificuldades que o acolhimento e o reconhecimento do outro experimentam no seio de nossa cultura, porque na atual sociedade ocidental, com frequência, percebe-se a incapacidade de uns lembrarem-se dos outros.

¹ Graduando do Curso de Filosofia no Instituto Salesiano de Filosofia – INSAF, monitor da disciplina de Filosofia da Educação e membro da Sociedade Salesiana, SDB. E-mail: thiagosdb@yahoo.com.br.

Numa perspectiva pedagógica o acolhimento e o reconhecimento do outro em sua irreduzível alteridade teriam que ser não só premissas irrenunciáveis para a reflexão, senão, sobretudo, os desencadeantes mais efetivos da ação pedagógica como filosofia prática, como aprendizagem prática de teodicéia por crianças e adolescentes (DUCH, 1997, p. 29).

Este fato obriga a buscar o antídoto da reciprocidade na educação, particularmente no desenvolvimento a partir das escolas. A aceitação do outro como legítimo outro na relação social, porque se sabe que a partir de diferentes tradições culturais e filosóficas, tem sido manifestado que conhecer é reconhecer, que ensinar consiste em ajudar a descobrir a identidade da “pérola escondida” da própria humanidade.

Há aqui uma tarefa para as escolas de todo o tipo, de todos os níveis e de todos os países. Sempre e quando se optar por uma visão humanista e democrática da vida, das relações e do mundo. Mas, igualmente, estão comprometidos os professores e, ainda em menor escala, os alunos. Requerem-se novos homens. Homens autenticamente recíprocos.

O CONCEITO DE RECIPROCIDADE

Mais do que uma idéia especulativa, cremos que o conceito² de reciprocidade é uma prática que passa a existir quando as pessoas estabelecem uma relação como sujeitos portadores de dignidade a partir da qual compartilham de uma diversidade que é e que se torna cada vez mais rica.

O signo “reciprocidade” que se tem usado e se usa de diferentes maneiras e em distintos contextos é, antes de tudo, uma atitude que se aprende e que é pouco a pouco interiorizada. Tomada como uma categoria antropológica a reciprocidade faz referência ao personalismo. Em sua base está a valorização da diferença e da especificidade como categoria interpretativa fundadora da responsabilidade que ajuda a conjugar a diversidade e a igualdade na relação humana.

Inserida dentro de um complexo e intrigante jogo de contrários ocorre, o que consideramos ser, uma dinâmica interacionista fecunda. A reciprocação se apresenta como um modelo de compromisso mútuo num processo de renegociação da relação para a integração da unidade com a diversidade que facilita uma vida comum feita de relações maduras nas quais se favorece a circulação de idéias, se promovem a diversidade, a interação e a colaboração.

²Trabalhamos aqui tendo como referência a concepção de filosofia cunhada por Gilles Deleuze. Considerando as três instâncias correlacionais para a instauração da filosofia, apreendemos que o conceito gestado, “criado” ou reterritorializado, trata-se aqui, de reciprocidade; e o plano de imanência é a esfera das relações humano-pedagógicas.

Considerada a partir de uma abordagem processual a correspondência mútua é, igualmente, processo e caminho; é uma direção de tendência ideal e normativa das relações humanas, que vão de um mínimo de interação a um máximo de comunhão. É um processo de integração que não nivela a originalidade e a criatividade do homem e da mulher, mas que estimula até novos encontros que levam a descobrir a riqueza da pluralidade. É, na verdade, uma via de aceitação de si mesmo e das diversidades dos demais e é também um caminho na tomada de consciência de que a confrontação com a diversidade é fundamental para as relações interpessoais. Sua essência está dentro do ser da pessoa, na relação entre as pessoas, relação que implica gratuidade, correspondência e comunhão. Isso exige, então, o empreendimento de um diálogo circular.

No campo dos sinônimos, sem reducionismos, a reciprocidade pode ser denominada mutualidade. Ela invoca a integração tanto nas relações interpessoais que ocorre entre os sexos, como no sentido de uma integração social mais ampla que implica o mútuo intercâmbio numa relação de igualdade, a responsabilidade de mútua abertura e acolhida. Sublinhamos que aqui se constitui, talvez, a maior dificuldade de se educar no espaço da reciprocidade: saber combinar a igualdade e a diferença sem reduzi-la uma à outra.

No âmbito humano-estrutural a mutualidade compõe os sentimentos e afetos que, constantemente, procura o benefício mútuo em todas as interações humanas. Significa que os acordos ou soluções são mutuamente benéficos, mutuamente satisfatórios. Vê-se a vida como um cenário cooperativo, não competitivo. Baseia-se no paradigma de que há muito para todos, de que uma pessoa não consegue o próprio êxito excluindo o dos outros. É um espírito, é uma disposição, um modo de ser.

A reciprocidade, ainda que pareça, não é um final circunscrito a uma parcela religiosa; ela também é usada em diferentes enfoques da realidade social, muitos deles típicos de uma mentalidade secular. Isso se dá porque se trata de uma qualidade da relação entre os seres humanos, inscrita em seu modo de ser, em seu *ethos*. É exclusivo da espécie humana. Por isso, o imperativo categórico kantiano, e o preceito bíblico-evangélico fundamentam-se e fundamenta desde uma ética natural até uma ética dos Direitos Humanos.

Na perspectiva dos cristãos católicos a correspondência mútua é caridade. E como não há caridade maior que dar a vida pelos outros, aqui se rompe a lógica discursiva humana e acadêmica e se passa a outro plano muito além da correspondência. O puro dom, a pura gratuidade, a ética dos máximos valores. Isso supera a empatia e em seu desenvolvimento alcança a capacidade de doação mútua. É um intercâmbio de valores humanos que, em

circulação, criam um ecossistema de convivência que abre os espaços da casa, da escola e da sociedade inteira.

A correlação só pode ser concebida como um saudável reconhecimento do próprio Eu e de um Tu como outro diferente de si, com características diferentes, mas com condições de abertura e reconhecimento mútuo. Nem o Eu nem o Tu são superiores ou inferiores um ao outro; simplesmente são distintos e como tais com diversidade de pensamentos, de sentimentos e de ações para realizar. A reciprocidade se dá precisamente quando no respeito à diferença, são geradas a valorização, a aceitação mútua e o consenso; quando em igualdade de condições, cada um, situando-se a partir do outro, fundem seus horizontes na busca do bem comum.

Os legítimos constituintes das bases das relações recíprocas, como nos parece, são:

1. A auto-estima, pela qual tem-se uma saudável percepção de si mesmo, de sua autonomia, de suas possibilidades e de seus limites; assim se evita absorver a vida do outro, apagando a própria identidade; por ela, os dois sujeitos se colocam em relação e diálogo evitando a dependência.

2. O cuidado com o outro que consiste em transcender a si mesmo e aceitar o chamado do outro a estar com ele para estabelecer relações interpessoais de entendimento, de amizade, de amor, o qual exige confiança, reencontro, novidade. O cuidado com o outro, situa-se entre a atenção às exigências dos outros e a valorização das próprias possibilidades; o eu perde a auto-estima não somente se não recebe amor, senão também se não se dá em relação de circularidade. A educação das novas gerações é, antes de tudo, um ocupar-se delas, é aceitar o imperativo de sua chamada para travar um diálogo capaz de desenvolver um sem número de possibilidades que vêm em si mesmas e no seu contexto, e que levam ao reconhecimento da diferença e à restauração da confiança e ao fortalecimento dos ideais de comunhão.

3. A dimensão social refere-se a tudo aquilo que o Eu e o Tu recebem de fora e que de alguma maneira contribui para a troca, porque se recebe, se apropria e se reverte modificando a sociedade. As comunidades na sociedade são como uma terceira dimensão entre o Eu e o Tu. Aqui a reciprocidade aparece como a mola oculta que move a criação de instituições que respeitem as relações interpessoais.

Em suma, o conceito de reciprocidade faz referência a uma antropologia que tem como ponto de partida a idéia de que o ser humano é relação e não simplesmente que está em relação (Cf. BUBER, 1979, pp.29-31). Pode-se pensar, cabalmente, no Eu somente quando se consegue pensar nessa relação com um Tu. Isso significa a capacidade de distinguir entre relação de intercâmbio e de dom. Na primeira, os termos da permuta são equivalentes: eu te

dou uma coisa - um bem -, e tu me dás o dinheiro correspondente. Nas relações, genuinamente recíprocas, sempre se dá, mas se diferencia da anterior porque quem dá primeiro deve colocar o outro que recebe em condições de reciprocidade, isto é, de doar-se também ele na liberdade e a fraternidade só teme cair na humilhação.

A RECIPROCIDADE NO PROJETO EDUCATIVO SALESIANO

A base epistemológica sobre a qual Dom Bosco³ produz sua breve, mas sábia proposta pedagógica é o topo de um movimento de duzentos anos que se expressa em personalidades da pedagogia, tais como: Comenius e seu ideal da caridade mediadora de todas as relações, inclusive as escolares; Kant e sua proposta radical de se pôr sempre no lugar do outro agindo em consequência; Pestalozzi e a generosidade do mestre com as crianças e os colegas. Depois de Dom Bosco floresceu uma tradição que se manifesta em Cousinet e a importância do trabalho grupal na vida escolar; Freinet e a cooperação; Makarenko e o afeto regenerador da coletividade no trabalho educativo; Buber e a relação dialógica; Rogers e a não-diretividade, enfim, e, além disso, o valor agregado da generosidade gerado pela Igreja Católica, ainda que dentro de um regime de cristandade.

O modelo educativo de Dom Bosco se funda nas relações de reciprocidade. A atitude dele com todos e, especialmente, com seus filhos na religião, configura uma relação humana, serena e acolhedora. O encontro do educador com os educandos se faz em um autêntico ambiente familiar, de calor humano de maneira “*que todos com quem falas se tornem amigos*”, recomendava Dom Bosco. A Dom Rua, seu primeiro sucessor na Congregação Salesiana, disse, insistentemente, “*procura fazer-te amar*”. É a “pedagogia do amor”, do Cristo Bom Pastor que persegue a unidade a toda prova entre educador e educando. “*Não basta amar*”, é necessário que a criança, o jovem se sintam amados. Em uma carta, datada de 1884, Dom Bosco transmitiu uma certeza aos mestres e à pedagogia uma posição permanente: “*l’educazione è cosa del cuore*”. O afeto do educador é, nessa perspectiva, semelhante ao de um pai, irmão e amigo capaz de suscitar correspondência de amizade.

³ São João Bosco (1815 – 1888) nasceu na Itália numa época de profundas transformações sociais. Após ser ordenado sacerdote católico, com genialidade pedagógica, se pôs a orientar e guiar a juventude, oferecendo a ela idéias, sentimentos, horizontes, energias interiores, fundando a primeira e principal obra salesiana com o nome de Oratório. Baseou sua prática educativa no relacionamento de amizade com o jovem e na criação de um ambiente favorável ao seu pleno desenvolvimento. A essa proposta de educação deu o nome de Sistema Preventivo. Foi o fundador da Sociedade dos Salesianos de Dom Bosco (SDB) e das Filhas de Maria Auxiliadora, mais conhecidas como Salesianas. Atualmente os salesianos e as salesianas (mais de 32 mil) estão presentes nos cinco continentes. Os dados, no Brasil, dizem que no país são 118 escolas de ensino fundamental e médio, 188 obras sociais e cerca de 350 mil alunos ligados diretamente ao projeto educativo salesiano.

No opúsculo intitulado *O Sistema Preventivo para a Educação da Juventude*, Dom Bosco diz:

O aluno terá sempre respeito ao seu educador, recordará agradecido a correção dele recebida, e considerará, o tempo todo, a seus mestres e superiores como pais e irmãos. Onde quer que vão, os alunos assim educados, são geralmente, consolo de sua família, cidadãos úteis e bons cristãos (BOSCO, 1985, p. 90).

Nesse caso, a reciprocidade está posta sempre em relação numa perspectiva sobrenatural. Há ali muito mais do que princípios teóricos e ou subterfúgios de uma pedagogia secular. Circula, sem dúvida, a graça que provém de uma pedagogia divina que transita com a aquiescência daqueles que se esforçam a partir de uma opção de fé radical por vivenciá-la na educação e na escola.

Na verdade Dom Bosco, em 1877, sob o título de Sistema Preventivo, prega uma ‘pedagogia da caridade’, expressão francesa, que se refere à ‘amorevolezza’, expressão italiana; ou pode ser ainda, uma ‘pedagogia da amizade’, que nasceu sob os conselhos do Alto (do céu), e que ele havia procurado praticar com os jovens muito antes que aparecesse sua obra... A compreensão e o afeto são ali determinantes. Pois a compreensão do jovem reclama uma ‘prevenção’ por parte do educador, enquanto que a chamada ‘prevenção’ não contém em si mesma necessariamente a sua compreensão (CARDONA, 1990, p. 10).

Se Dom Bosco não quis ser teórico da educação, ou se, pelo menos, não formulou na educação uma doutrina segundo os cânones acadêmicos, ele mesmo assim, com a noção do “Sistema Preventivo” identificou e definiu uma concepção específica. Essa, pelo menos, indica, querendo-se ou não, as condições sem as quais não existe uma verdadeira educação.

Na carta de 10 de maio de 1884, Dom Bosco preocupado porque tinha indícios no horizonte que revelariam desentendimentos e descuidos com respeito às melhores tradições do oratório com a intensa vida comum e o acompanhamento, sugere um espírito de “*vem e verás*” a proximidade, o cuidado responsável, enfim, como acertadamente o propõe Valfré, um dos personagens do sonho narrados por Dom Bosco na carta: “*veja como a familiaridade gera afeto, e o afeto, confiança*”. Em seguida, sobre essa base, Dom Bosco comenta:

isto é o que abre os corações e os jovens manifestam tudo sem medo dos mestres, dos assistentes e dos superiores, são sinceros na confissão e fora dela, e estão facilmente disponíveis para tudo o que queira mandar aquele a quem percebem que os ama (BIANCO, 1984, p. 32).

Não sendo assim e não trabalhar conforme essa condição fará destruir um ambiente rico em propostas e por isso, autenticamente pedagógico, do bem viver. Dom Bosco, alarmado, no mesmo sonho pergunta ao antigo aluno José Buzzetti o que fazer para evitar a ruína do oratório. Esse, taxativamente responde: a caridade. Dom Bosco, com autoridade,

explica que ele e seus salesianos aplicaram isso na vida diária. E se abre um novo diálogo revelador. Disse Buzzetti:

Tudo isso eu vejo e sei; mas não basta. Falta o mais importante.

- Que falta então?

- Que os jovens não sejam somente amados, mas que percebam que são amados.

- Mas, não tem olhos para ver? Não tem cabeça para pensar? Não se dão conta que se fazemos por eles é por que os amamos?

- Não, eu repito. Isso não basta.

- O que vai fazer, então?

- Demonstrar o amor, amando o que eles gostam, esperando que com essas coisas vejam que os amam também quando o que lhes propõem seja difícil, como são: a disciplina, o estudo, o domínio de si mesmo; e compreendam que têm que fazê-las com amor (Ibid., p. 30).

Aparece assim com toda claridade o grande regulador das obras de Dom Bosco: o amor, a *amorevolezza*.

Familiaridade e amor são a mesma coisa, numa íntima correlação com a reciprocidade. Por isso, o professor ao qual só se vê na cátedra e nos assuntos administrativos é somente professor e nada mais; mas se participa do recreio dos jovens, se envolve em todas as ações da vida escolar, se converte também em irmão. Atualiza a realidade familiar, gera-o onde faltava e dá um novo tom ao que havia perdido cor.

O educador autêntico participa da vida dos jovens, interessa-se por seus problemas, procura entender como eles vêem as coisas, toma parte em suas atividades desportivas e culturais, em suas conversas; como amigo maduro e responsável oferece caminhos e metas de bem, está pronto a intervir para esclarecer problemas, indicar critérios e corrigir com prudência e amável firmeza valores e comportamentos censuráveis. Em tal clima de presença pedagógica o educador não é visto como superior, senão como pai, irmão e amigo (PAULO II, 1988, p.13).

A RECIPROCIDADE NA FILOSOFIA DIALÓGICA

Martin Buber, filósofo do diálogo, é invocado por nós como um abalizado expoente das reflexões sobre a relação humana selada pela reciprocidade. Aliás, a reciprocidade junto com a presença, a imediatez e a responsabilidade constituem os aspectos essenciais de qualquer relação Eu-Tu, de acordo com Buber. Em torno da idéia de relação ele construiu o edifício de seu pensamento tomando como ponto de partida o misticismo judaico, precisamente o hassidismo. Suas considerações sobre o dialógico nos permite aproximá-lo e, até mesmo, denominá-lo representante do personalismo religioso, tendo como pressuposto o acontecimento da existência dialética que se dá de modo pleno na relação com o Tu eterno (Cf. ZUBEN, 2003, pp. 115-116).

Segundo Buber, o diálogo autêntico funda-se numa relação de reciprocidade, e sendo esta reciprocidade existencial, ela pressupõe semelhanças e diferenças, que colaboram para o enriquecimento da relação. O diálogo aparece como algo imediato ao homem, toda a existência humana contingencialmente é dialógica ou dialogal, mesmo prevendo o uso da palavra. Para se obter um verdadeiro diálogo, é inevitável uma relação de amizade, cujo anseio de partilhar com o outro ultrapasse a consciência egóica. Como atitude existencial, o diálogo tenciona a vontade de compreender o outro, e por esta via do outro compreender a si mesmo. A simples presença do outro já supõe a interação, mas o outro está sempre além da totalidade que simula.

O homem é antropológicamente existente não no seu isolamento, mas na integridade da relação entre homem e homem: é somente a reciprocidade da ação que possibilita a compreensão adequada da natureza humana. Para isto, para a existência do inter-humano, é necessário, como foi mostrado, que a aparência não intervenha perniciosamente na relação entre um ser pessoal e um outro ser pessoal, é outrossim necessário, como foi também mostrado, que cada um tenha o outro em mente e que torne presente no seu ser pessoal. Que nenhum dos parceiros queira impor-se ao outro é o terceiro pressuposto básico do inter-humano. Não pertence mais a estes pressupostos o fato que um exerça sobre o outro uma ação no sentido de propiciar-lhe a abertura; mas é este certamente um elemento capaz de conduzir a um estágio mais alto do inter-humano (BUBER, 1982, p.152).

O diálogo em Buber é caracterizado pelo encontro, pela relação Eu e Tu, onde encontramos a relação humana e a conjuntura religiosa, que se constitui na reciprocidade da corroboração pelo outro, mediante a mútua responsabilidade. Para Buber, o diálogo não é uma sistematização conceitual; somente por meio da experiência humana em todas as suas manifestações podemos entender que necessariamente o encontro é um evento, e é como tal que ele acontece. Segundo Buber, o homem tem duas atitudes díspares face ao mundo e diante do ser, as atitudes se revelam pela palavra princípio Eu-Tu, que é ato inerente do homem, encontro entre dois parceiros na reciprocidade e na confirmação mútua; e pela palavra-princípio Eu-Isso, que é a experiência e a utilização, postura objetivante.

Buber postula a necessidade atávica de perceber e aceitar o outro no seu todo uno e único, como condição para que ele se torne presença no Eu. Para cumprir em plenitude o seu Eu, o homem necessita estabelecer uma relação dialógica com o mundo dizendo o Tu que só se faz com a totalidade do ser. Esse diálogo que marca essa relação só é genuíno no clima da reciprocidade total, quando o ser do ente vivencia a relação também da face do outro, sem perder a autenticidade que lhe é própria.

O diálogo, na ótica buberiana, pode ser classificado em três espécies: o técnico, o monólogo disfarçado de diálogo e o autêntico. O diálogo técnico é induzido pela necessidade de um entendimento objetivo que faz parte dos bens peculiares e insubstituíveis da modernidade. O monólogo mascarado de diálogo acontece onde dois ou mais homens, agrupados no mesmo local, falam cada um consigo mesmo, sem considerar o outro. O diálogo autêntico pode ser falado ou silencioso, nele cada um dos partícipes tem em mente o outro ou os outros no seu comparecimento e na sua forma de ser e a eles se volta com o objetivo de se estabelecer uma reciprocidade viva.

Em Martin Buber o dialógico não é, como o dialético, uma prerrogativa da atividade intelectual. A construção do seu pensamento é determinada pela noção de ser, traduz a estrutura pessoal da realidade e o caráter transcendental da verdade, a qual se expõe como abertura à pessoa e como verbalidade relacional. É necessária uma posição dialógica em que haja o exercício da vida espiritual em diálogo com um Tu pessoal e concreto, o qual pode envolver as mais diversas formas, sobretudo o silêncio. Uma atitude dialogal fica superficial quando orientada como experiência-utilidade, reduzindo-se às objetividades aparentes. Neste sentido, a experiência distancia o Tu sendo que a paridade dialogal é caracterizada pela dupla Eu-Tu.

O verdadeiro encontro é favorecido pela linguagem, que estabelece o âmbito do diálogo autêntico, desembocando assim no íntimo conhecimento do outro, que é vivido como amor; o amor tem como forma exemplar a responsabilidade de um Eu por um Tu, por isso a relação é básica e antecede ao próprio Eu, desse modo tem-se o diálogo como forma elevada de existência. Vale ressaltar que em Buber a relação amorosa é compreendida de um ponto de vista ético-antropológico; é indispensável entre os indivíduos a relação de reciprocidade e afetividade ao dialogarem. Mas, seria um equívoco equiparar o dialógico ao amor:

Eu não sei de ninguém, em tempo algum, que tivesse conseguido amar a todos os homens que encontrou. Mesmo Jesus amou, manifestadamente, entre os “pecadores”, somente os desprendidos, os amáveis, os que pecavam contra a Lei, e não os impermeáveis, presos aos seus patrimônios, que pecavam contra ele e sua mensagem; no entanto, ele permanecia num relacionamento direto tanto com os primeiros como com os últimos. A dialógica não pode ser equiparada ao amor. Mas o amor sem a dialógica, isto é, sem um verdadeiro sair-de-si-em-direção-ao-outro, sem alcançar-o-outro, sem permanecer-junto-ao-outro, o amor que permanece consigo mesmo, é este que se chama Lúcifer (BUBER, 1982, p.55).

Buber dá à palavra o sentido de portadora de ser, por ela o homem se introduz na existência, não é o homem que a guia, mas é ela que o mantém no ser, a palavra proferida é

persuasiva e atualizadora do ser do homem. Em Buber, o diálogo não é um gênero literário, e sim uma dimensão ética humana.

Nem sempre o falar de um para o outro equivale a um dialogar; o diálogo para se realizar não precisa de gestos, nem de sons. Não se pode dizer que não há linguagem pelo fato de se abdicar a mediação dos sentidos. No entanto, o diálogo silencioso não deve ser compreendido como o silêncio dos apaixonados e nem o silêncio místico, mas como a atitude admissível de ambas as partes mesmo no silêncio, e é neste instante que ocorre o dialógico.

A reciprocidade da ação interior é o elemento mais importante da atitude do um-para-com-o-outro que caracteriza o dialógico; ele não se reduz ao relacionamento dos homens entre si. Num estado dialógico a constituição do objeto é inviabilizada pelo homem que está face a face o que implica de certa forma um compromisso. Ou seja, o dialógico é o desdobramento do inter-humano que se realiza no face a face e na admissão mútuas. Sobre essa noção do voltar-se-para-o-outro Buber sinaliza:

Constitui uma erro grotesco a noção do homem moderno que o voltar-se-para-o-outro seja um sentimentalismo que não está de acordo com a densidade compacta da vida atual e sua afirmação que o voltar-se para-o-outro seja impraticável no tumulto desta vida é apenas confissão mascarada da fraqueza de sua própria iniciativa diante da situação da época (BUBER, 1982, p. 57).

O dialógico necessita, indispensavelmente, de um elemento mínimo que é a reciprocidade da ação interior, que acontece quando duas pessoas, que estão dialogicamente unidas estão obrigatoriamente voltadas uma para a outra. Todos nós somos metas da palavra dirigida; tudo aquilo que acontece no mundo são palavras que nos são dirigidas, porém, pela força do hábito, já nos acostumamos a nos resguardar, assim nada nos é acrescentado pela palavra conduzida, somente quando ela consegue ultrapassar nossa defesa e atingir a alma é que acontece algo e isso pode se dar por apenas alguns instantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os expoentes da filosofia do diálogo ou da filosofia da intersubjetividade preconizam a transcendência do Tu para existência humana, a verdade mais recôndita do homem e sua relação com os outros. Existir é coexistir, o efeito essencial da existência é o homem com o homem. O homem é um ser para o encontro. Ele só compreende seu mistério quando encontra outro ser humano e forma com ele uma relação interpessoal, inter-humana. Entendemos essa relação como reciprocidade que além de se concretizar entre dois, mediada pela palavra e o

amor, potencializa-se, na comunidade e na necessária manifestação de um terceiro que patenteia os interesses de toda a comunidade de homens.

Reconhecer o “terceiro” é afirmar a necessidade de criar estruturas sociais de justiça e liberdade, estruturas que tornem impossível a exploração e possibilitem concretamente o reconhecimento do outro (VÁSQUES, 1982, p. 98).

Assim, inferimos que a reciprocidade se potencializa na coletividade, se engrandece no todo social e fundamenta qualquer chamado à autêntica sociabilidade.

As análises realizadas por Martin Buber, Emmanuel Mounier, Emmanuel Levinas, e outros, nos indicam que o fato fundamental da existência humana não é a reflexão racional do cogito cartesiano, que enreda o homem em sua consciência individual; não é a contemplação passiva da natureza infra-humana, nem a busca e a escolha de valores abstratos e impessoais (beleza, verdade, bondade, artes,...), nem, muito menos, a transformação técnica da esfera produtiva. O fato fundamental da existência é que todo homem é questionado, como pessoa, por outro ser humano, mediante a palavra, o amor, a ação, e deve dar sua resposta: anuir ou rejeitar.

As relações de reciprocidade ajudam a desenvolver e potencializar os recursos individuais e isso, sem dúvida, melhora a qualidade da vida social, familiar, educativa e ajuda as pessoas a reconhecerem-se semelhantes e distintas. Foi pensando nisso que nos propomos discutir o conceito de reciprocidade que perpassa o projeto e as relações pedagógicas nas escolas salesianas e a filosofia dialógica desenvolvida por Martin Buber.

Nossa pretensão não foi de comparar ou equiparar Dom Bosco em função de Buber ou vice-versa. Mas, tão somente de apresentá-los como usuários e mestres do conceito; até porque poderíamos incorrer num erro sem precedente e injusto.

A tradição salesiana vem, nos últimos anos, resgatando e relendo as suas práticas pedagógicas a partir da perspectiva da reciprocidade. Buscando na história do pensamento contribuições que ajudem a repensar as suas práticas e a sua missão. E, é nesse contexto que se insere a nossa pesquisa. Em Buber procuramos elementos para colaborar com o enriquecimento crítico de uma centenária tradição educativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIANCO, Enzo; BRAIDO, Pietro. *Não basta amar: carta de Roma, de 1884*. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1984. (Cadernos salesianos, 34).

BOSCO, Giovanni. *Il sistema preventivo nella educazione della gioventù*. Introd. de Pietro Braido. Roma: Las, 1985.

BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo, Editora Perspectiva. 1982.

_____. *Eu e Tu*. Trad., introdução e notas de Newton Aquiles von Zuben. 2ª ed., São Paulo, Cortez & Moraes, rev.1979.

CARDONA, Herñan. *El sistema preventivo en la educación de los jóvenes*. Madrid: Ccs, 1990.

DEORS, Jacques. *Nell'educazione un tesouro: Rapporto all'Unesco della commissione internazionale sull'educazione per il XXI secolo*. Roma: Armando, 1999.

DUCH, Luís. *La educación y la crisis de la modernidad*. Barcelona: Paidós, 1997.

PAULO II, João. *Dom Bosco: um mestre para a educação*. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1988. (Cadernos salesianos, 47).

VÁSQUES, Carlos. *Educación personalizada, una propuesta para a América latina*. Bogotá: Indoamérica Press Service, 1982.

ZUBEN, Newton Aquiles. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. Bauru: Edusc, 2003.